

# **ENTRE “RODAS”:**

## **UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO E EXISTENCIAL**

Marcelo Loureiro Ucelli – Membro do GRUFEI – UFES

Hiran Pinel – UFES

Eixo Temático 4: Atendimento Educacional Especializado

### **RESUMO**

O presente estudo objetiva dar continuidade às discussões desenvolvidas no Grupo de Pesquisa em fenomenologia, Educação e Inclusão “GRUFEI/PPGE/UFES”, com o intuito de obter um aprofundamento no processo investigativo no que se refere à inclusão, tendo como fenômeno um indivíduo cuja condição é ser gay e que possui uma deficiência física. Os interesses de estudos e pesquisa que movem nossos trabalhos são entorno dos processos de compreensão do Ser no mundo, pois, somos seres de relação, cuja realidade é estruturalmente nós. Como parte das produções em andamento, se destaca o trabalho publicado em 2018 no livro Educação, Comunicação, Cultura e Diferença: Ser gay, deficiente e cadeirante; um estudo fenomenológico que considera tempo e espaço numa possível e imaginada educação especial não escolar. Assim, este estudo/pesquisa e com um horizonte mais refinado este estudo descrever compreensivamente “o que” e “como é” ser gay com deficiência física e investigar cautelosamente saídas para um existir mais digno dentro e fora da escola. Para a tal realização, será adotado o método de pesquisa fenomenológico, pois, a fenomenologia, ao mesmo tempo em que é um método, torna-se um modo de ser, uma maneira de se obter da realidade, um espaço de abertura onde o ser se dá. A partir dos conceitos freireanos de ser mais e humanização Freire (2005, 2013) e ser sendo junto ao outro no mundo de Pinel (2015), a coleta dos dados se deu a partir da utilização da história oral e da vida com o uso de narrativas, escuta e observação tendo como questão: “O que é” e “como é” ser gay com deficiência física na escola e fora dela? Os procedimentos metodológicos acontecerão a partir de um mergulho existencial nas experiências do (s) sujeito (s) da pesquisa e um distanciamento reflexivo Forghieri (2014). O fenômeno que faz parte deste estudo é um jovem que frequenta o ensino superior numa faculdade privada na grande Vitória. Ressaltamos que a questão do mundo das pessoas com deficiências tem sido uma temática de estudos e pesquisas na academia, bem como grandes organizações interessadas em levantamentos estatísticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação especial; deficiência física, Humanização.

## 1 - CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A espécie humana se torna presença com o mundo na mesma dinâmica em que o mundo se torna presença nele.

Freire (2015)

A motivação para pesquisar essa temática surgiu por meio do conhecimento construído no decorrer de seminários, congressos, escrita de artigos, capítulo de livros e experiências com alunos gays com deficiência física numa faculdade privada da grande Vitória nos anos de 2015 a 2020. Ao longo dessa (con)vivência tivemos a oportunidade de perceber a relevância da abordagem desta temática, pois, “no espaço da coexistência, os homens tecem redes que se aproximam e os afastam, organizando o mundo de maneira a assegurar áreas recíprocas de movimentação” (AUGRAS, 1997, p. 39).

Esse estudo é um convite a (re)descobrir, polemizar e compreender algumas percepções tidas como naturais, como a-históricas e, que, portanto, não (co)movem nenhum tipo de questionamento. Compreensões que não nos orientam sozinhos, mas que nos fornecem indicativos de como devemos nos relacionar com as diferenças. Sendo assim, Fernandes; Pinel; Ucelli (2018, p. 122) esclarecem que, “ser da diferença pode significar uma maior carga psicológica (cognitivo-afetiva) que a pessoa terá que desprender.”

Nessa senda, compreender as diferenças é (re)pensar e considerar os modos de ser de cada sujeito, pois, cada ser no mundo traz à tona o que é por ele construído, uma vez que, “[...] a pessoa é um sistema integrado de sentir, de pensar, de fazer, de falar; de tal modo que, em sua totalidade, deixa-se desdobrar em suas partes, permitindo um funcionamento optimal de si mesma como um todo, no mundo” (RIBEIRO, 2011, p. 73).

Sendo o desdobramento da sexualidade considerado um estágio fundamental do ser humano, compreendemos que a disseminação da informação sobre a questão é um dos elementos que contribuem para que alguns tabus sejam quebrados, e conseqüentemente seu movimento seja tão possível como viável.

Um dos obstáculos para uma dimensão discursiva da sexualidade das pessoas com deficiência se deve a uma possível carência de relatos de experiência sobre a temática, pois, os estranhos mudam no espaço e no tempo como pontua Bauman (1998). Esta ausência/carência certamente se confronta com aos preconceitos e à discriminação ainda presentes, que muitas vezes sustentam a ideia de que eles não têm o direito de exercer a sua sexualidade.

## **2 - A PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

“Para compor a produção científica deste estudo sobre “o que é” e “como é” ser gay com deficiência física que busca cautelosamente saídas para um existir mais digno dentro e fora da escola”, foi necessário realizar um levantamento de teses e dissertações no site do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE - UFES), no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e no banco de dados da Biblioteca digital de teses e dissertações (BDTD) utilizando três descritores: “ser gay”; “deficiência”, e “inclusão” no período de 2014 – 2019.

No referido período foi possível identificar que as questões que envolvem o sujeito com deficiência e na condição de ser gay não tem sido objeto de pesquisas, entretanto em um exame mais detalhado de algumas pesquisas identificamos trabalhos que se aproximaram da nossa temática que nos propomos investigar por meio desse estudo.

Sendo assim, optamos em destacar duas dissertações e três artigos, além de reportagens. Ao pesquisar sobre a temática, foi possível encontrar no site<sup>1</sup> uma entrevista de Marcio Caparica (2015) onde o mesmo se posiciona esclarecendo que o maior desafio de uma pessoa com deficiência física, como o cadeirante por exemplo é fazer com que os outros o enxerguem como pessoa, e não apenas a cadeira. No decorrer da entrevista, ele desvela indignidade com alguns dos questionamentos: “Você toma banho?”, “Você consegue se limpar?”, “Você contrata uma enfermeira pra cuidar de você”?

---

<sup>1</sup> <https://cidadeverde.com/diversidade/71835/as-desventuras-de-ser-gay-e-deficiente>

Proseguimos uma busca na BDTD- Biblioteca digital de teses e dissertações, cujo ambiente não foram encontradas pesquisas sobre Ser gay com deficiência física, mas, foram encontradas duas dissertações que se aproximaram deste estudo ampliando nossas compreensões.

Estudiosos como Abreu (2015) desvelou em sua pesquisa de mestrado intitulada “Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas: um estudo das narrativas de surdos homossexuais”, que teve como base os fundamentos teórico-metodológicos da Perspectiva Histórico-Cultural, propõe articular a discussão sobre o desenvolvimento humano atípico e a diversidade sexual a partir de uma pesquisa com surdos homossexuais.

Percebe-se que a produção de conhecimento sobre a sexualidade das pessoas surdas ainda é escassa e muitas vezes não problematiza assuntos voltados às organizações afetivo-sexuais destoantes do padrão hegemônico. O percurso metodológico foi traçado segundo o materialismo histórico-dialético, e a composição de narrativas por meio de entrevistas semiestruturadas foi o recurso utilizado para a construção dos dados.

Outro estudo relevante foi encontrado na pesquisa de Silvestre (2014) que se refinou na dissertação “Os entre-lugares: um olhar sobre sujeitos surdos-homossexuais”. O autor relata que a construção da identidade do sujeito homossexual, bem como do sujeito surdo, ocorre a partir de distintos campos que se entrecruzam, e a maneira como os indivíduos se percebem e são percebidos como surdos-homossexuais é um fator importante nessa trajetória.

Essas identidades e seus marcadores não são apresentados como categorização exclusivamente limitante, ou seja, ser surdo e homossexual é parte do todo que esse sujeito é, e esses marcadores oferecem possibilidades outras para serem pensados de maneira articulada/interseccionada.

É possível compreender a partir de Abreu (2015) e Silvestre (2014) o sujeito com deficiência geralmente é pensado como um corpo doente, patológico, e por vezes tem sua sexualidade negada. O que pensar quando esse sujeito “doente” tem orientação sexual diferente da heterossexualidade? Para os

autores, o sujeito homossexual ainda é estigmatizado por sua orientação sexual, ou pela sua sexualidade “desviante”.

Sendo assim, diante dessa realidade, o que dizer então destas pessoas homossexuais e com deficiências?

Augras (1997) descreve que,

A sexualidade tem-se tornado ultimamente o ponto mais realçado no que diz respeito à dificuldade de integração da unidade corpórea. De um ponto de vista existencial, cabe acentuar que a atividade sexual não é apenas princípio de realização de desejos e descarga de energias, mas essencialmente encontro e comunicação. Da mesma maneira que assumir a integridade do corpo é conscientizá-lo em seu duplo papel de delimitação e comunicação entre mundo interno e externo, unir sexualmente é vivenciar a dupla situação de complementaridade e separação (p.45).

Ainda em outro site<sup>2</sup> foi encontrado uma reportagem do dia 09 de julho, 2014 - Rumos Novos - Católicas e Católicos LGBT (Portugal). Foi possível pesquisar que os indivíduos gays com deficiência física são minoria dentro da própria minoria. Sendo assim, provavelmente vivem milhares de pessoas no mundo e em Portugal. Eles são pessoas com deficiência física que se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo.

Some o preconceito para com a homossexualidade ao preconceito para o indivíduo com deficiência física.

A reportagem nos faz um convite à reflexão: Quem é a verdadeira pessoa com deficiência física? Os que vazios de conceitos cultivam arduamente o corpo, como se a «embalagem» é que realmente importasse, ou aqueles cuja beleza física fica pálida diante da luz que emana das suas almas cansadas de tanto sofrimento?

Em outro artigo intitulado “Ser gay”, deficiente e cadeirante: um estudo fenomenológico que considera tempo e espaço numa possível e imaginada educação especial não escolar (FERNANDES, PINEL, UCELLI, 2018), pontuam que quando abordamos uma Educação Especial escolar numa

---

<sup>2</sup> <https://rumosnovos-ghc.blogs.sapo.pt/homossexuais-com-deficiencia-55950>

perspectiva inclusiva, falamos de pessoas com deficiência física, intelectual, dentre outras. Entretanto, esses indivíduos têm uma vida escolar intensa, densa, e tensa, desvelando um mundo (ser-no-mundo que são sendo) injusto, mesmo prenhe de discursos.

### **3 - CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS**

Paulo Freire (1921-1997), em toda a sua jornada pedagógica, aposta numa educação centrada numa relação dialógica e na amorosidade fazendo um liame entre reflexão e ação. Em suas produções teóricas e práticas sociais, o pensador denuncia e anuncia um mundo marcado pela desigualdade social, exclusão e desumanização dos homens.

Sendo assim, o autor nos ensina que a educação não deve ser vista como uma ferramenta de mudança dos seres humanos, mas como um meio de refletir com as pessoas e como contribuir para a transformação do mundo, tornando-o mais humano e igualitário. Como um educador e pensador humanista, Freire guerreou por um mundo mais humanizado, pois, reforçava a missão humana como uma vocação para humanização. Por serem sujeitos históricos e de historicidade, os homens são reconhecidos pela educação problematizadora como incompletos, inconclusos e em permanente (re)construção (FREIRE 2015).

Freire (2015) disserta que as relações das pessoas com os seus semelhantes se mostram como fundamentos para o nosso processo de humanização, pois, a pessoa aprende a ser pessoa, se tornam pessoas, aprendendo os sentidos que as outras pessoas dão á existência, a vida, ao compromisso.

Desse modo os seres humanos são projetos lançados no mundo que devem olhar o passado como possibilidade de modificação do futuro. Nesse sentido é preciso desafiar os enganos do olhar que fataliza e imobiliza, fortalecendo a visão de que situações limitadoras devem nos fazer seguir em frente, buscando respostas. Esse percurso de tomada de consciência ensina que a realidade humana é histórica, construída socialmente e, por isso, passível de mudança.

Freire (2015) aponta que,

Ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O ser mais que se busque no individualismo conduz ao ter mais egoísta, forma de ser menos. De desumanização ao ter dos demais, robustecendo o poder dos primeiros, com o qual esmagam os segundos, na sua escassez de poder (p. 105).

A busca pelo *ser mais* implica o envolvimento com as outras pessoas e com o mundo para a denúncia das estruturas desumanizantes. A categoria *ser mais* se liga a uma visão ampla de Freire quando este se propõe a construir uma perspectiva antropológica de valorização da subjetividade e da conscientização.

Pinel (2017) na mesma perspectiva que Freire (2015) pontua que o “[...] homem foi jogado no mundo sem sua anuência, é um ser sendo junto ao outro no mundo, está sempre se fazendo, incompleto, inconcluso, está sendo de passagem, efêmero, que gosta de cuidar e de ser cuidado etc. [...] (p. 28)”.

Sendo assim, os modos de ser revelam e desvelam o fenômeno. “Pessoas são projetos sempre abertos para si, para o mundo e em comunhão. O cotidiano é onde esse ser se mostra, se reinventa, se cria e se produz” (PINEL, 2017, p. 28).

#### **4 - PROCESSO FENOMENOLÓGICO DA PESQUISA**

Para alcançar os objetivos propostos, recorreremos ao método fenomenológico que será materializado em um mergulho existencial no ambiente escolar e não escolar e um distanciamento reflexivo (FORGHIERI, 2014). O método fenomenológico expressará a radicalidade que o pensar filosoficamente a realidade nos confere. Farão parte do mosaico teórico deste trabalho as contribuições teóricas de Freire (2015), Ribeiro (2011).

Assim Augras (1997) esclarece que,

O mundo fenomenológico não é o ser puro, mas sim o significado que transparece na interseção de minhas experiências alheias, pela engrenagem de uma com as outras, e, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que chegam a unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência alheia na minha (p.15).

O sujeito que colabora com essa pesquisa é um adulto de 32 anos de idade, chamado de Alex, cujo nome fictício foi escolhido por ele e que faz um curso de Administração de Empresa. Alex (pro)segue seus estudos numa faculdade particular – no interior do Estado do Rio de Janeiro, que necessita de atendimento especializado com médicos e psicólogos.

No decorrer deste estudo, o sujeito se dispõe a se entregar ao vivido/sentido narrando parte de suas vivências cotidianas, estabelecendo um elo entre seus modos de existir na condição de ser gay e com deficiência física e que não se sente prejudicado na área cognitiva. Um ser no mundo, que está sempre “em movimentos, ora lentos, ora rápidos e muitas vezes alegres e sorrateiros, mas sempre humano (PINEL, 2015. p. 23)”.

A coleta de dados se materializa a partir da escuta empática, observações, fotografias, narrativas, dentre outros, tendo como questão norteadora “o que é” e “como é” ser gay com deficiência física na escola e fora dela?

Nessa perspectiva Pinel (2005) pontua que a educação inclusiva se apoia no princípio de que se torna necessário aprender a olhar para a pessoa com deficiência individualizada e colaborativa, compreendendo seus modos de ser, suas habilidades e dificuldades. A escola deve ser um lugar de encontros, de igualdade, de desenvolvimento.

Sendo assim torna-se necessário e urgente (re)construir um espaço-tempo de gestão que acolha as diferenças existentes. O ato de incluir, não deve significar simplesmente matricular no ensino regular as crianças com deficiência, mas assegurar a equipe docente e à escola o suporte preciso à sua ação pedagógica, contando assim com o apoio do professor e os demais, na inclusão, como um todo.

Pinel (2004) descreve que a fenomenologia dá sentido a um rompimento com a proposta de verdade universal pregada pelos métodos experimentais e quantitativos, que apregoavam a descrição do fato, daquilo que se denominava real. Certamente havia interesse em controlar variáveis que interferiam no humano, que passava a ser o sujeito experimental. A fenomenologia aparece resgatando o vivido internamente, o subjetivo.



Assim, Ribeiro (2011) pontua que,

A fenomenologia é uma teoria para fora, que se dirige ao outro, que não está encapsulada em si mesma. Ela é um instrumento de trabalho perfeito, porque conduz a pessoa a sair de si mesma, a não se ver como centro e princípio do mundo fora dela. Ela conduz a uma postura de humildade, de súplica diante das infinitas possibilidades que as coisas possuem e das quais a pessoa não pode se abeirar, a não ser se deixando, ela mesma, de fora do outro para, só então, encontrar-se com ele, na simplicidade da observação experienciada e descritiva (p.93, 94).

Na pesquisa fenomenológica, o pesquisador busca alcançar a visão das essências e para isso descreve e analisa fenômenos perceptíveis. Portanto Gil (2010) nos ajuda a pensar dizendo que tendo como objeto o fenômeno, o objetivo é conhecer o mundo através das experiências do sujeito.

O objetivo deste estudo é o de descrever compreender uma narrativa realizada por um indivíduo na condição de ser gay e com uma deficiência física desde o nascimento, analisando a experiência fenomenológica existencial (FORGHIERI, 2014) da descoberta dos modos de ser no mundo.

## **5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partindo da premissa que ser gay e com deficiência é também pensar sobre o existir do seu próprio corpo como espaço, e o espaço que abarca o corpo, o esquema corporal, pontuamos aqui-agora que a vida sempre é sentida com cuidado.

Assim, o fenômeno deste estudo em uma das suas narrativas esclarece que:

“Infelizmente não sou bem visto pelas pessoas que me cercam. No hospital onde preciso de atendimento sempre, sinto que sou olhado de modo atravessado, às vezes deixado por último. O olhar das pessoas é de forma insensível me atrapalhando a ter acesso num lugar de direito. As vezes fico em silêncio até mesmo para garantir meu atendimento, mas as vezes eu me sinto empodeirado, me colocando como protagonista da minha história exigindo meu acesso ao meu espaço-tempo.

Alex enfatiza, ainda, a necessidade que tem de usar um transporte público como direito:

Todos os dias necessito do transporte para ir estudar. Trata-se de um atendimento que o governo do Estado oferece as pessoas com deficiências, conhecido como “Mão na Roda”. Sinto-me prejudicado com a logística adotada pela Secretaria de transporte gestora deste projeto. Fico todos os dias quatro horas dentro da condução, pois,

este mesmo transporte transita em vários bairros circunvizinhos ao meu, buscando outros companheiros que se encontram na mesma condição que a minha. Este percurso me deixa cansado e com dores, pois, o movimento do ônibus é brusco. Muitas vezes o elevador do transporte não funciona e acabo dependendo do motorista para descer do ônibus. Sinto-me impotente, pois, há em mim uma vontade de urinar no decorrer do percurso e acabo chegando à faculdade nervoso e apreensivo. Assim, o retorno para minha casa após a aula casa se torna mais desgastante ainda, pois, como já estou muito cansado, o ônibus repete o mesmo trajeto, porém, como o trânsito já está mais lento, o motorista não sensibiliza com os movimentos rápidos, que nos causam desconfortos e que na maioria das vezes chegando em casa por volta da meia noite.

Alex prossegue sua narrativa destacando também o acolhimento inclusivo na faculdade.

Sinto-me feliz dentro da faculdade em relação a minha deficiência física e minha condição sexual. Eu não a escondo de ninguém, pois, agindo assim, eu estabeleço resistência e empoderamento. Acredito que esta resistência cria uma relação de respeito, de empatia com o grupo do qual eu convivo, pois, este meu agir só reforça a minha condição como, como ser no mundo e no espaço vivido permitindo o meu direito de ir e vir como cidadão. Quanto ao colegiado do meu curso é notável o processo humanístico.

Alex expõe seus sentimentos em relação ao cônjuge:

Às vezes sinto-me frustrado pela minha relação com o outro. Amei uma pessoa desesperadamente. Muitas vezes eu pensava que ele tinha aceitado a conviver perto de mim devido a minha deficiência. Eu sempre achava que a tal pessoa tinha pena de mim... Fiquei muito desiludido quando a pessoa que eu tinha um sentimento me disse que eu estava enganado em relação a nós dois. Eu me senti frustrado e achava que a cadeira de rodas me atrapalhava. Na minha concepção eu era visível a ele como pessoa e a cadeira não era impedimento, mas com o tempo percebi que a cadeira era mais notável no processo do que a minha própria pessoa. Assim, eu fui aprendendo na minha solidão, que viver ultrapassa qualquer entendimento. Preferir cantarolar dentro da minha casa pra tentar esquecer tal frustração:

### **Leite, Torrada e Mel<sup>3</sup>**

Leite, torradas e mel

Deixam ensolarado um sábado chuvoso, hey, hey, hey

Leite e torradas, um pouco de café

Acabam com a chatice dos dias que você odeia, que você realmente odeia

---

<sup>3</sup> <https://www.letras.mus.br/roxette/34498/traducao.html>

As lentas notícias da manhã passam por mim  
Eu tento não analisá-las  
Mas não é que ele me surpreendeu dessa vez?  
Não é que ele me surpreendeu?

(Lá vem ele) para trazer um pouquinho de amor, querido  
(Lá vem ele) para acabar com a dor que há por dentro  
(Lá vem ele) é tudo o que me importa  
(Lá vem ele) é tudo que eu quero da vida

Leite, torradas e mel, não é engraçado  
Como as coisas às vezes parecem tão claras e tão próximas?  
Os sonhos que sonho, meu pensamento mais desejado  
Oh, ele está marcado em todos os lugares, todos os lugares

O amor verdadeiro pode cair do céu  
Oh, você nunca sabe o que pode encontrar  
Mas não é que ele me surpreendeu dessa vez?  
Oh, não é que ele me surpreendeu?

(Lá vem ele) para trazer um pouquinho de amor, querido  
(Lá vem ele) para acabar com a dor que há por dentro  
(Lá vem ele) é tudo o que me importa  
(Lá vem ele) é tudo que eu quero da vida

(Lá vem ele) oh, dê um pouquinho de amor, querido

(Lá vem ele) para sentir que está se aproximando de mim

(Lá vem ele) é tudo o que me importa

(Lá vem ele) está em todos os lugares em que quero estar

Ooh, na, na, na, na, na

Hmm

Trazer um pouquinho de amor

É tudo que eu quero

Dar um pouquinho de amor

É tudo que eu quero

Oh, lá vem ele

## **6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As pessoas trilham caminhos diferentes, pois, são percursos individualizados, de modos particulares, intransferíveis e construídos ao longo de suas vivências. E certamente, estão presentes em seus afetos e desafetos, suas histórias compartilhadas com as histórias de outros.

As pessoas envolvidas neste processo levam/trazem/compartilham/constroem caminhos, sentidos e significados diferenciados. Com Alex não seria diferente.

Nós enquanto seres humanos, estamos sujeitos a ser mais e seguir em frente sempre em movimento. Nessa perspectiva, percebemos que é de total relevância compreender os modos de ser cada pessoa em seus processos de vida que ocorrem durante o trajeto de vida e de aprendizagem no que diz respeito a própria vida na condição sexual e com deficiência física.

O ser humano é um ser que dá significado às coisas. Assim, podemos exemplificar que, não apenas observamos/sentimos o outro que está diante de nós, mas ao mesmo tempo em que sentimos/vemos, damos-lhe uma essência: eu posso ser mais e me tornar presença no mundo.

É possível continuar compreendendo que a existência, é a pessoa, o ser no mundo-aí, sujeito que se expressa através de sua singularidade, seus sentidos, movido pela sua intencionalidade, um ser por fazer-se, um ser no mundo com os outros, com o real, cujo momento tem acesso à existência do outro permeando um encontro marcado de subjetividades.

Nós, enquanto pessoas, seres humanos, estamos às margens de ficarmos abalados psicologicamente em momentos de extrema frustração e contrariedade. Exemplo disto é quando somos pessoas que não corresponde às expectativas da sociedade, sociedade perversa, que tenta remodelar o tempo todo, o indivíduo da forma que ela deseja. Percebemos que há um sentimento de impotência ou qualquer outra adversidade que nos atinja no mais íntimo de nosso ser.

Sendo assim, Ribeiro (2011) nos alerta que,

Se o ser humano continuar a dizer para o Universo como ele, Universo, tem de ser e se comportar, porque na prática, é isso que está acontecendo, estará se expressando com arrogância da gota d'água dizendo para o oceano como ele tem de se comportar, ou como o grão de areia dizendo para o deserto o que ele é.

Assim, torna-se necessário e urgente escutar o outro para que possamos compreender e apreender o sentido da situação, do real, daquilo que toca e que move o outro. Nesse sentido a escuta empática, é um dos modos de compreender o outro, respeitando-o e valorizando-o, pois, a escuta é algo que obviamente vai muito além da possibilidade auditiva de cada ser.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Fabrício Santos Dias de. **Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas: um estudo das narrativas de surdos homossexuais**. 2015. XIII 171 f. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: Fenomenologia da situação de Psicodiagnóstico. 7. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERNANDES, Hedlamar, PINEL, Hiran; UCELLI, Marcelo Loureiro. Educação, Comunicação, Cultura e Diferença. Org. VIDAL, H. UCELLU, M. 2018. Pedregulho. VITÓRIA – ES. **Ser Gay, deficiente e cadeirante: um estudo fenomenológico que considera tempo e espaço numa possível e imaginada educação especial não escolar** (p. 121 a 142).

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

PINEL, Hiran; SANT'ANA, Alex Sandro; COLODETE, Paulo. **Pedagogia Hospitalar numa perspectiva inclusiva: um enfoque fenomenológico existencial**. Terezina, Piauí: Edufpi, 2015.

PINEL, Hiran. **Apenas dois rapazes & uma educação social**; cinema, existencialismo e inclusão. Vitória: Livro experimental, 2004 (com 2ª edição em 2005).

PINEL, Hiran. **Método fenomenológico puro e mesclado**; aplicando o método fenomenológico à educação especial escolar e não-escolar & pedagogia hospitalar. Texto didático e experimental. Vitória: Do Autor/enviado via e-mail, 2017. Não publicado.

RIBEIRO, J. P. **Conceito de mundo e de pessoa em gestalt-terapia: revisitando o caminho**. São Paulo: Summus, 2011.

SILVESTRE, Joubert. **Os entre-lugares: um olhar sobre sujeitos surdos-homossexuais**. 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

<https://rumosnovos-ghc.blogs.sapo.pt/homossexuais-com-deficiencia-55950>

Acessado em 25 de agosto de 2019, às 13h 19min.